

NARRATIVAS DE MESTRES DA TRADIÇÃO ORAL: SABERES DO REPERTÓRIO VOCABULAR EM UM GLOSSÁRIO ILUSTRADO

■ RONALDO PORTO

 <https://orcid.org/0009-0001-6043-5861>

Universidade Estadual de Feira de Santana

■ FABÍOLA SILVA DE OLIVEIRA VILAS BOAS

 <https://orcid.org/0000-0002-8895-8648>

Universidade Estadual de Feira de Santana

RESUMO

Este estudo analisa histórias de vida de mestres da tradição oral, naturais do Distrito Maria Quitéria/São José, zona rural de Feira de Santana/Bahia, e também dos municípios de Poções e Conceição do Coité/Bahia, a fim de mapear os saberes da tradição relacionados ao repertório vocabular, produzidos por esses contadores de histórias. Sob a perspectiva do paradigma compreensivo, as reflexões apresentadas se desdobram através do método da história de vida, em que os fatos culturais e sociais contituem-se como textos a serem conhecidos e compreendidos e a análise destes como atribuição de sentidos às experiências vivenciadas pelos sujeitos no mundo. Desse modo, as narrativas dos mestres, que carregam histórias, visões de mundo e crenças de um povo, foram recolhidas através de entrevistas narativas e deram origem à criação de um glossário ilustrado que materializa um repertório vocabular marcado por saberes da cultura popular. Os resultados contribuem para entender que as narrativas da tradição oral enunciadas por contadores de histórias, sujeitos sócio-históricos, situados culturalmente, são indispensáveis à formação de adultos e crianças e colaboram para salvaguardar conhecimentos ancestrais da cultura popular, conferindo-lhes o papel de construtores da história tanto individual, quanto coletiva.

Palavras-chave: História de vida. Mestres da tradição. Repertório vocabular. Glossário ilustrado.

ABSTRACT **NARRATIVES FROM MASTERS OF THE ORAL TRADITION: KNOWLEDGE FROM THE VOCABULARY REPERTORY IN AN ILLUSTRATED GLOSSARY**

This study analyzes the life stories of masters of the oral tradition, born in the Maria Quitéria/São José District, rural area of Feira de Santana/Bahia, and also in the municipalities of Poções and Conceição do Coité/Bahia, in order to promote an exchange between traditional knowledge and academic knowledge related to the vocabulary repertoire, produced by these storytellers. From the perspective of the comprehensive paradigm, the reflections presented unfold through the life history method, in which cultural and social facts constitute themselves as texts to be known and understood and the analysis of these as attribution of meanings to lived experiences by subjects in the world. In this way, the narratives of the masters, which convey stories, worldviews and beliefs of a people, were collected through narrative interviews and gave rise to the creation of an illustrated glossary that materializes a vocabulary repertoire marked by knowledge from popular culture. The results contribute to understanding that oral tradition narratives enunciated by storytellers, socio-historical subjects, culturally situated, are indispensable to the education of adults and children and help to safeguard ancestral knowledge of popular culture, giving them the role of builders of both individual and collective history.

Keywords: Life's history. Masters of tradition. Vocabulary repertoire. Illustrated glossary.

RESUMEN **NARRATIVAS DE MAESTROS DE LA TRADICIÓN ORAL: CONOCIMIENTOS DEL REPERTORIO DE VOCABULARIO EN UN GLOSARIO ILUSTRADO**

Este estudio analiza las historias de vida de maestros de la tradición oral, nacidos en el distrito de Maria Quitéria/São José, área rural de Feira de Santana/Bahia, y también en los municipios de Poções y Conceição do Coité/Bahia, con el fin de promover un intercambio entre conocimientos tradicionales y conocimientos académicos relacionados con el repertorio de vocabulario, producido por estos narradores. Desde la perspectiva del paradigma integral, las reflexiones presentadas se despliegan a través del método de la historia de vida, en el que los hechos culturales y sociales se constituyen como textos para ser conocidos y comprendidos y el análisis de estos como atribución de significados a las experiencias vividas por los sujetos.

en el mundo. De esta manera, las narrativas de los maestros, que transmiten historias, cosmovisiones y creencias de un pueblo, fueron recopiladas a través de entrevistas narrativas y dieron lugar a la creación de un glosario ilustrado que materializa un repertorio de vocabulario marcado por saberes provenientes de la cultura popular. Los resultados contribuyen a comprender que las narrativas de tradición oral enunciadas por narradores, sujetos sociohistóricos, culturalmente situados, son indispensables para la educación de adultos y niños y ayudan a salvaguardar los conocimientos ancestrales de la cultura popular, otorgándoles el papel de constructores de valores individuales y sociales historia colectiva.

Palabras clave: Historia de vida. Maestros de la tradición. Repertorio de vocabulario. Glosario ilustrado.

“E, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra [...]. (Hampâtê Bâ, 2010, p.168)

Introdução

As reflexões apresentadas neste artigo são derivadas de um estudo macro, desenvolvido por pesquisadores/as de universidades públicas baianas¹, que se debruçam a investigar histórias de vida de contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia, a fim de construir intercâmbios entre os saberes tradicionais e o conhecimento acadêmico relacionados aos diversos repertórios e à performance das tradições orais e da cultura popular. Neste estudo específico, o objetivo é analisar histórias de vida de mestres da tradição oral, naturais do Distrito Maria Quitéria/São José, zona rural de Feira de Santana/Bahia, e também dos municípios de Poções e Conceição do Coité/Bahia, a fim de mapear os saberes da tra-

¹ A pesquisa macro, intitulada xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx, é vinculada ao Grupo xxxxxxxxxxxx da Universidade xxxxxxxxxxxx, e conta com financiamento xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx xxxxxxxxxxxx.

dição e relacionados ao repertório vocabular, produzidos por esses contadores de histórias e salvaguardados em um glossário ilustrado.

A ação de contar histórias é uma arte milenar e tem como seu representante principal o contador de histórias tradicional. Dentre as características principais do contar estão o entreter e o divertir; desse modo, a presença do contador de histórias nas mais diversas culturas está vinculada à função de preservar o passado e, assim, transmitir, geração após geração, os conhecimentos e saberes contidos nas narrativas tradicionais. Essas narrativas, em sua maioria originadas de lendas e mitos primitivos, muito antes de Homero e durante séculos, orientaram os povos de tradição oral na busca pela compreensão do cosmos e de si mesmos. Ao analisar a importância da figura do contador, dialogamos com a seguinte reflexão:

Era um sujeito que se valia da narração oral como via para organizar o caos, perpetuar e propagar os mitos fundacionais das suas culturas. Um sujeito que mantinha vivo o pensamento do seu povo por meio da memória prodigiosa e que o divulga por meio da arte. Sua forma de expressão, a voz, é manifestada por meio de um corpo receptivo e maleável (Busatto, 2013, p.13).

Por remontarem a um período anterior ao surgimento da escrita, os conhecimentos

produzidos e adquiridos nas narrativas tradicionais eram armazenados na memória – um lugar demasiado privilegiado, ocupado pelas pessoas mais velhas de uma comunidade, no ventre das culturas orais, as quais representam, portanto, uma memória viva, pulsante. Nesse sentido, concordamos com o historiador e etnólogo malinês, Amadou Hampâté Bâ, ao afirmar que “na África, cada velho que morre é uma biblioteca que se queima” (Hampâté Bâ, 2010, p.8), já que ele é um detentor dos saberes da experiência.

Neste estudo, compreendemos a memória como um instrumento precioso para a constituição da crônica do cotidiano (Bosi, 2003). Por esse motivo, julgamos importante que velhos, mulheres e negros, camadas da sociedade historicamente marginalizadas, tomem a palavra. Sobre a memória dos velhos, especificamente, entendemos que ela pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado, posto que “ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja [...]), e existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura” (Bosi, 2003, p.15). Então, para além da história oficial, que aprendemos na escola, nos manuais, cujas datas e fatos fomos obrigados a repetir por anos a fio, interessa-nos a história de cada um, construída ao longo da vida, a partir de um cotidiano comum, mas sempre relevante.

A oralidade armazenada na experiência de vida desempenha papel central na preservação e difusão dos saberes da tradição. Em algumas sociedades africanas, como ressalta Hampâté Bâ (2010), as forças só começam a vibrar através da palavra, que as colocam em movimento. O conhecimento é a própria palavra. É ela que transmite os conhecimentos de por gerações ao longo dos tempos. Assim, contar é a materialização da harmonia da palavra atribuída

ao ancestral comum, à pessoa narradora mais velha.

A autenticidade da transmissão de um relato é assegurada pela existência de uma série de pequenas ações, em normas, observadas na chamada cadeia de transmissão sequenciada do maior para o menor. Nesse viés de raciocínio:

A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores (...). Quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo, e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra (Benjamin, 1975, p.58).

O filme de animação *Kiriku e a feiticeira* (Michel Ocelot, 1998) explora bem esse aspecto. Em dado momento, o menino Kiriku, personagem principal, encontra-se com seu avô, figura ancestral e único detentor dos saberes e também os segredos de Karabá, a feiticeira que secou a fonte d'água da aldeia, engoliu os homens que decidiram enfrentá-la e usurpou os metais de valor daquela comunidade. Kiriku recebe, então, a missão de destruir, pelos ensinamentos das narrativas tradicionais, os feitiços lançados pela feiticeira contra ele e sua aldeia.

Os mais velhos, detentores dos saberes e poderes da experiência, numa sociedade sem escrita, é o ancestral de referência para a comunidade, a tradição viva que se projeta mais à frente na contribuição dos saberes para as gerações futuras. Nas sociedades africanas, especificamente nas regiões do Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal, essa função é exercida pelos contadores de histórias tradicionais, considerados bibliotecas vivas que devem ser respeitadas.

A função social e primordial da pessoa contadora de histórias, qual seja, a de preservar a memória e difundir as narrativas formadoras de uma comunidade, bem como os saberes

acrescidos nela, pode se dar desde a maneira mais tradicional até a contemporânea, variando de contexto a contexto. Como exemplos, citamos a experiência das mulheres escravizadas no Brasil colonial, que, na qualidade de amas de leite da prole de seus senhores, contava-lhes histórias de sua cultura, de seus povos e antepassados; e os contadores de histórias do povo Munduruku, que simbolizam uma ferramenta essencial para definir a identidade e o senso de pertencimento da criança indígena em relação à sua comunidade de origem e à sua herança cultural.

Para Bosi (2003), o movimento de recuperação da memória nas ciências humanas não é uma moda acadêmica; ao contrário, tem origem mais profunda como a necessidade de enraizamento, uma vez que do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade. Corroborando com esse argumento, retomamos a seguinte constatação:

Ao mesmo tempo em que assistimos ao saudável retorno das narrações orais em diversos setores da sociedade - já que, anteriormente, ela se mantinha presente em alguns poucos locais, como a escola, a biblioteca - por meio da presença dos contadores de história que se espalham por todos os cantos do planeta, talvez movidos por um traço primeiro, um impulso de transcender o real através do imaginário, para dar forma à complexidade das vivências, vamos encontrar as histórias migrando para outros meios, ainda que mediados pela presença humana, como no caso das narrações digitais. [...] (Busatto, 2013, p.10).

Com a modernidade e o processo de urbanização das sociedades, as narrações orais vêm se adaptando, com novas formas de expressão que modificam a figura do sujeito contador de histórias. A partir da década de 1970, assistimos a um movimento de revalorização da contação tradicional e ao surgimento de formas urbanas de tradição oral, bem como a remodelação das narrativas que vem encan-

tando crianças e adultos. Busatto (2005) ressalta, ainda, que as narrativas não somente se manifestam através da oralidade tradicional, mas também por meio do contato interpessoal, virtual e de narrativas materializadas em textos, mas sem perder a conexão com o passado e sempre atreladas ao presente.

A ideia de materializar em um glossário ilustrado o repertório vocabular de mestres da tradição oral, naturais do Distrito Maria Quitéria/São José, zona rural de Feira de Santana/Bahia, e também dos municípios de Poções e Conceição do Coité/Bahia, objetiva mapear os saberes da tradição e registrá-los para que outras gerações possam (re)conhecer e se conectar com as histórias, costumes e valores que sedimentam a identidade dos povos antepassados, de maneira que crianças e adultos possam colaborar para manter vivos os conhecimentos ancestrais da cultura popular. Além de disponibilizar o glossário ilustrado em um *website* que aloja os produtos resultantes da pesquisa, também pensamos em distribuí-los para estudantes de escolas públicas, para que o material possa fazer parte da formação desses jovens.

Para orientar o leitor, a tessitura desta escrita está organizada em quatro partes. Além desta seção introdutória, discutimos, na segunda seção, os fundamentos metodológicos do estudo. Na terceira, são apresentados os dados e a discussão destes e, por fim, tecemos as considerações finais.

Por entre narrativas, saberes e repertório vocabular: o método história de vida como tessitura metodológica

As pesquisas que tematizam histórias de vida circulam com uma variedade grande e diversa de terminologias. Nas áreas das Ciências Sociais, elas se delimitam na perspectiva da

História Oral, que utiliza fontes orais. Assim, biografia, autobiografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são, segundo Souza (2006), modalidades tipificadas da expressão polissêmica História Oral.

O termo “Histórias de vida” representa, portanto, uma denominação genérica para acontecimentos que tecem a vida individual/coletiva e para os significados que sobre eles construímos. Dessa forma, é um mecanismo pertinente para uma “autocompreensão do que somos, das aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si” (Souza, 2006, p. 23.).

De modo geral, o método de história de vida se insere no ramo dos estudos qualitativos de caráter biográfico, no qual o pesquisador escuta, por meio de entrevistas narrativas, o relato da história de vida de alguém sobre a sua existência através do tempo, daí resulta o fato de que a relação entre pesquisador e sujeito que narra sua história é um ponto essencial, pois necessita da abertura de um vínculo de confiança mútua, construído ao longo da pesquisa.

Concordamos com a ideia de que narrar a vida é dela se re-apropriar, refazendo os caminhos percorridos, o que é mais do que “revivê-los”, (Bosi, 1987 p. 55). Inspirados nessa ideia, entendemos, com a autora, que a “memória não é sonho, é trabalho [...]. Lembrar não é reviver, é refazer, reconstruir, repensar com ideias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1987, p. 15). Aí reside a ideia de memória como processo, como deslocamento.

Ancorados nesses pressupostos, traçamos a sequência metodológica que descerevemos a seguir. Inicialmente, o primeiro autor deste estudo participou, no grupo de estudo e pesquisa do qual faz parte, de uma atividade

relacionada à memória de afetos, buscando lembrar-se de mestres e mestras da tradição que fossem próximos de suas famílias ou de algum grupo social. Em seguida, após identificar esses sujeitos e explicar-lhes os objetivos do estudo, solicitou autorização para realizar entrevistas narrativas e gravar em áudio suas histórias de vida, com ênfase no registro do repertório de contos da tradição que esses mestres e mestras guardam na memória.

A entrevista narrativa, importante fonte (auto)biográfica) compreende uma técnica de investigação organizada em três partes centrais. Na primeira, é feita uma questão narrativa orientada (auto)biograficamente, seja sobre a história de vida ou sobre um aspecto determinado da história de vida que interessa particularmente à pesquisa; no caso deste estudo, os contos da tradição oral narrados pelos mestres da tradição oral em qualquer período da vida. Na segunda, o pesquisador explora o potencial narrativo dos fios temáticos que foram pouco desenvolvidos pelos sujeitos entrevistados, ou por seu estilo resumido ou porque o entrevistado supunha não serem importantes. E, na terceira, ele incentiva a descrição de situações, percursos e contextos sistemáticos que se repetem (Schutze, 2010).

Jovchelovitch e Bauer (2002), baseando-se em Schutze, ampliam as orientações de modo que a entrevista narrativa se processe em quatro fases. A primeira é a fase da iniciação na qual o pesquisador formula o tópico ou a questão central; a segunda é a que o entrevistado começa sua narração sem ser interrompido; a terceira é a etapa do questionamento, na qual o entrevistador pode obter determinados esclarecimentos depois de o entrevistado ter finalizado seu discurso mais autônomo (quando menciona explicitamente que já falou tudo e não tem mais o que dizer); e a quarta e última é a fase na qual, depois de encerrada a gravação, o sujeito ainda tem espaço para uma conclusão.

Como dispositivo de pesquisa, foram utilizadas gravações dos contos da tradição narrados por nove mestres e mestras da tradição no Distrito Maria Quitéria/São José, zona rural de Feira de Santana/Bahia, e também nos municípios de Poções e Conceição do Coité/Bahia, colhidos por meio de entrevistas narrativas realizadas nos anos 2021 a 2023, previamente agendadas com os sujeitos, gravadas em áudio na íntegra, para posterior transcrição e análise. Os passos da coleta e transcrição utilizaram como base o reconhecido Sistema de classificação de Arne-Thompson ATU, o qual se baseia em dois processos, sendo o primeiro denominado *Verbatim ou Ipsis Litteris*, que preserva a riqueza da oralidade em sua forma mais bruta e orienta uma transcrição detalhada do que foi narrado; e o segundo, conhecido como *Editada ou limpa*, que orienta a adequação do material ao padrão linguístico da língua portuguesa, podendo ser adaptado a determinado grupo leitor.

O teor dos contos da tradição recolhidos assemelha-se à classificação proposta pelo historiador e folclorista potiguar Câmara Cascudo (2004), na obra *Contos tradicionais do Brasil*, que utiliza doze seções para apresentar contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, facécias, contos religiosos, contos etiológicos, demônio logrado, contos de adivinhação, natureza denunciante, contos acumulativos, ciclo da morte e tradição, tendo sido os contos de animais e contos de encantamento com personagens fantásticos os mais recorrentes nas narrativas.

Em seguida, foi feita a análise e catalogação do emprego de palavras mais ou menos (des)conhecidas, identificadas no repertório vocabular dos mestres e mestras da tradição oral, cujos sentidos e significados foram construídos no interior desse repertório, com os contadores e contadoras.

Após essa etapa, veio o processo de ilustração do glossário, que consiste em uma recriação artística das palavras que integram aquele léxico tradicional das poéticas orais, inspirada nas narrativas sertanejas do interior da Bahia, todas carregadas de influências dos povos indígenas e da diáspora africana. A arte visual apresenta características peculiares que as tornam únicas e atreladas ao contexto da narração das histórias pelos mestres e mestras da tradição.

A ilustração é uma manifestação artística que transcende as barreiras da linguagem escrita, revelando-se como uma forma de expressão visual. Por meio do traço e da composição, o primeiro autor deste estudo, que é ilustrador, buscou comunicar os fatos, ideias, emoções presentes nas narrativas dos mestres da tradição. Um dos aspectos mais notáveis da ilustração é sua capacidade intrínseca de provocar respostas emocionais, através da escolha cuidadosa da composição, linhas e formas. As ilustrações têm o poder de transcender as barreiras linguísticas e culturais, conectando-se diretamente com o espectador.

Contos da tradição oral e repertório vocabular em um glossário ilustrado: pela manutenção dos saberes, histórias e memórias

O campo da oralidade, em um sentido geral, abarca todo som que produzimos, desde o choro de fome de um bebê, até um monólogo teatral. Já em sua definição dicionarizada, a oralidade é entendida como uma das modalidades da língua como um corpo vivo. Por ser mais usual em grupos sociais não praticantes da escrita ou com reduzido contato, com frequência é posicionada em uma balança que se opõe à escrita.

As narrativas tradicionais têm origem no ponto de vista subjetivo, íntimo e particular de cada pessoa envolvida na transmissão da história. Isso ocorre porque as narrativas tradicionais muitas vezes são transmitidas oralmente, ao longo das gerações, passando de sujeito para sujeito dentro de comunidades específicas.

Cada narrador traz consigo suas próprias experiências, perspectivas e emoções para a história que estão contando. Isso pode resultar em variações na forma como a história é contada, dependendo das características pessoais do narrador, bem como das circunstâncias específicas. Essa natureza subjetiva das narrativas tradicionais adiciona uma camada de riqueza e profundidade à experiência narrativa, permitindo que as histórias sejam adaptadas e reinterpretadas. Também reflete a diversidade de experiências e pontos de vista dentro de uma cultura ou grupo social.

A oralidade tem características próprias que diferem da escrita e influenciam a forma como as narrativas são transmitidas e recebidas. Zumthor (2000) destaca, nesse campo, a importância dos elementos performáticos, enfatizando que a narrativa oral é mais do que simplesmente a transmissão de uma história escrita em voz alta.

Nos processos de narração oral, elementos como a relação entre quem narra e quem escuta, o estilo de narração adotado, as expressões faciais, gestos, entonação e até mesmo o ambiente físico em que a narração ocorre desempenham papéis significativos na forma como a história é percebida e compreendida. Ao contrário da escrita, onde a história é fixada em um texto estático; na oralidade, a narrativa é moldada e influenciada pelo contexto em que é contada, bem como pelas interações. Isso pode resultar em variações na história, tornando cada performance única.

Na obra *Performance, recepção e leitura*, indispensável a estudiosos da oralidade, Zum-

thor (2000) recupera uma experiência que vivenciou em sua juventude que ilustra bem o caráter performático que habita na oralidade. Na Paris dos anos 1930, ele recorda que no caminho que percorria de sua casa até o colégio, sempre encontrava cantadores de histórias de rua que detinham sua atenção, o persuadiam ao ponto de quase fazê-lo perder o horário diário da passagem do trem. Em dada parte da obra, ele descreve detalhadamente todas as características daquele momento:

Havia o homem, o camelô, sua parlapatice, porque ele vendia as canções, apregoava e passava o chapéu; as folhas volantes em bagunça num guarda-chuva emborcado na beira da calçada. Havia o grupo, o riso das meninas,[...] a rua em volta, os barulhos do mundo e, por cima, o céu de Paris que, no começo do inverno, sob as nuvens de neve, se tornava violeta. (Zumthor, 2014, p. 32)

O historiador narra que, em um certo dia, resolveu comprar o material onde o camelô registrava suas canções para serem vendidas, na esperança de levar aquela experiência para casa. Descobriu, com frustração, que a leitura do texto não transmitia a ele a mesma sensação, nem mesmo a tentativa de cantar a melodia da canção, que ele reservou na memória. Então, percebeu que o elemento móvel, que é o material escrito não é suficiente para presenciar a performance em ação, o movimento das ruas, os escritos à venda, os ouvintes ao redor.

Os encontros com os mestres e mestras da tradição entrevistados revelou que a performance é uma arte que vai além da simples narração de histórias. Envolve uma combinação habilidosa de técnicas verbais, como o domínio do uso da entonação, ritmo, velocidade e volume de voz para dar vida aos personagens e criar atmosferas variadas, com gestual ora sutil, ora dramático, postura corporal coreografada e movimentos e expressivos para criar uma experiência envolvente e cativante. Todos esses elementos colaboraram para situar as

narrativas dentro de um contexto cultural específico, incorporado de tradições, costumes e valores significativos para suas comunidades ou grupo étnico.

Na perspectiva dos estudos linguísticos, o termo linguagem tem muitos sentidos e significados. Para o linguista Marcos Bagno (2014), numa primeira acepção, linguagem é faculdade cognitiva exclusiva da espécie humana que permite a cada indivíduo representar e expressar simbolicamente sua experiência de vida, assim como adquirir, processar, produzir e transmitir conhecimento. Numa segunda acepção, ligada à primeira, a linguagem é um sistema de signos utilizados na produção de sentidos, podendo ser verbal – oral ou escrita – ou não verbal.

Uma visão mais ampla da linguagem para uma instância compreendida como dialógica foi postulada por Bakhtin (1986). Para o filósofo, a linguagem deve ser compreendida como uma atividade que ocorre entre indivíduos socialmente constituídos e imersos em relações historicamente dadas. Na concepção bakhtiniana “um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. [...] Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica.” (Bakhtin, 1986 p.32).

É em torno dessa visão que o filósofo considera que a palavra é um fenômeno ideológico por natureza na medida em que ela registra as menores variações das relações sociais nas situações de comunicação. Em outras palavras, é possível compreender que é no curso da interação verbal que a palavra irá se efetivar como um signo ideológico, caracterizada por transformar e ganhar diferentes sentidos, de acordo com o contexto no qual ela se insere.

Compreender a palavra oral como instância ideológica que integra o léxico² de uma língua

2 Léxico é o conjunto de palavras e expressões em uso de uma língua, sejam elas dicionarizadas ou não. Trata-se de uma noção abstrata, já que, pelo caráter mutável e de renovação da língua, não se pode demarcar a quantidade exata do total de palavras.

é percorrer a história que marcam os costumes e a cultura de um povo. Nas interações discursivas do cotidiano, os falantes utilizam apenas uma parte do léxico, comumente chamado de vocabulário (ou repertório lexical/vocabular). Desse modo, compreendemos o repertório vocabular como um conjunto de palavras e expressões utilizadas por uma pessoa (ou um grupo), situada em uma faixa etária, localidade e época específica. Essas palavras podem ser orais ou escritas. Assim, tratamos neste estudo do repertório vocabular de mestres da tradição de cidades do interior da Bahia, com faixa etária aproximada, na atualidade.

Língua, história e cultura possuem uma relação indissociável. Assim, podemos afirmar que o léxico de uma língua é revelador de traços culturais, de visões de mundo e de vivências dos falantes. Estudar o léxico corresponde a um mergulho na história e cultura dos mestres da tradição, sujeitos inventivos que criam palavras, fenômeno denominado por Rocha (2008) de *produtividade*, marcado majoritariamente, pela regularidade, dando origem a formas transparentes do ponto de vista morfológico e semântico, sendo este último o que nos interessa neste estudo.

A Semântica, termo cunhado pelo filólogo francês Michel Bréal, é uma área da Linguística que estuda o significado das línguas naturais e subdivide-se em vários tipos, tais como semântica textual, formal, lexical, discursiva, cognitiva, dentre outras, ligadas por um interesse comum: o estudo é o significado (Pinto, 2016). Passamos, doravante, à apresentação de alguns vocábulos do glossário ilustrado³ que reúne o repertório vocabular dos mestres da tradição com seus respectivos significados.

3 Assim como o léxico geral de uma língua é registrado em um dicionário padrão, o repertório vocabular de uma pessoa ou grupo costuma ser registrado em um glossário. O glossário ilustrado completo deste estudo pode ser encontrado no site www.xxxxxxxxxxxxxx, que funciona como um acervo digital de livre acesso, organizado por pesquisadores e pesquisadoras do Grupo xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx.

Figura 1 - “Muquiado” (narrativa da Mestra Dona Zeni)



Fonte: Acervo da pesquisa elaborado pelos autores.

Figura 2 - “Nego Fugido” (narrativa do Mestre Dumdum)



Fonte: Acervo da pesquisa elaborado pelos autores.

Figura 3 - “Preto Forro” (narrativa do Mestre Evilásio)



Fonte: Acervo da pesquisa elaborado pelos autores.

Figura 4 - “Burrinha” (narrativa da Mestra Nice do Samba)



Fonte: Acervo da pesquisa elaborado pelos autores.

Figura 5 - “Carro de Frande” (narrativa do Mestre Raimundo Arthur).



Fonte: Acervo da pesquisa elaborado pelos autores.

Os vocábulos acima remetem aos contos tradicionais narrados pelos mestres e mestras da tradição, recolhidos nas entrevistas narrativas. Para Cascudo (2004), algumas características definem o “conto popular”, a exemplo da antiguidade, anonimato, divulgação e persistência. Elas aparecem tão unificadas que “é preciso que o conto seja velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omisso nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo” (Cascudo, 2004, p. 13).

Os contos tradicionais herdam de sua antiguidade detalhes de ambiente, armas, frases e hábitos desaparecidos e essas informações revelam não só o conteúdo que encontramos nas histórias de vida dos mestres brasileiros, mas, sobretudo, uma noção encapsulada de tempo. Em outras palavras, o tempo nestes contos é presente e passado ao mesmo tempo, e os cos-

tumes e hábitos atravessam uma espécie de linha diacrônica do tempo.

O glossário, nesse sentido, reforça a ideia defendida por Busatto (2003) de que contar histórias é uma arte rara, cuja matéria-prima é o imaterial, e que nos liga ao indizível, trazendo respostas às nossas inquietações, expressando e corporificando o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser. Por esse motivo, o conto de literatura oral é uma das mais genuínas expressões culturais da humanidade que cada mestre e mestra da tradição, em cada época, vai acrescentando suas emoções, suas experiências, sua cultura.

Considerações finais

A análise da história de vida de mestres da tradição, contadores de histórias do interior da Bahia, realizada neste estudo, colaborou para um grande mapeamento que vem sendo reali-

zado por uma pesquisa em rede, desenvolvida por universidades baianas e estrangeiras que assumiram o compromisso de promover a articulação entre o conhecimento acadêmico e os saberes populares, acreditando ser necessária a construção desse intercâmbio para a valorização e o reconhecimento dos mestres da tradição, não apenas como fontes em processos de pesquisas, mas como sujeitos protagonistas de cadeias de transmissão que ainda circulam no grande interior da Bahia, a despeito de todas as ameaças de extinção, capazes de ocupar os espaços acadêmicos, contribuindo para a produção de conhecimento em uma perspectiva mais plural e mais decolonial (Walsh, 2005).

A presença dos contadores de histórias, quer seja em rodas abertas ao público em suas comunidades, quer seja no espaço acadêmico, bem como a disseminação de seus repertórios e testemunhos de vida no espaço-tempo da contemporaneidade, tem o potencial de colocá-los em cena/destaque para ampliar a discussão sobre a possibilidade de distintas formas de produção do conhecimento, no entrecruzamento dos conhecimentos científicos com os saberes do território das tradições orais.

No grande campo das Poéticas Orais, a figura do mestre de tradição, ou mestre da oralidade, tem grande destaque nas comunidades em que existem e essa importância precisa ser evidenciada para as novas gerações, pois, ao transmitir histórias, são veiculados saberes e culturas que preservam os costumes e a identidade de um povo, colaborando, dessa forma, para manter viva a memória dos antepassados.

Compreendemos que os saberes dos mestres e mestras da tradição oral se revelam por meio das histórias e da performance nas narrativas, que se materializam carregadas de elementos que remontam um espaço-tempo longínquo e simbólico. E, por fim, tendo como pilar todas as narrativas produzidas, compreendemos que a sabedoria popular, de forma

ampla, é o resultado das experiências vividas por nossos ancestrais, que foi trazida para nós, nesse contexto, e constituem uma herança que precisa ser perpetuada às novas gerações.

Referências

- BÂ, Amadou Hampaté. A Tradição Viva. In: Ki-Zerbo, Joseph. (Org.) **História Geral da África**. Vol. 1. São Paulo: Ática, Unesco, 2010.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BAGNO, Marcos. Linguagem. In: FRADE, Isabel Cristina Alves Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro. **Glossário Ceale de termos de Alfabetização, leitura e escrita por educadores**. Belo Horizonte, CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2014. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/linguagem>. Acesso em: 15 fev. 2024.
- BAKHTIN, Mikhail. (Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória**: ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN Walter; HORKHEIMER Max.; ADORNO Theodor.; HABERMAS Jurgen. **Os pensadores**. São Paulo: Editor Victor Civita; 1975. p. 63-82.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.
- JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASLELL George. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

PINTO, Deise Cristina de Moraes *et. alli*. **Introdução à semântica**. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2016.

ROCHA, Luís Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do Português**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SCHUTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**: teoria e prática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 210-222.

SOUZA, Elizeu. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teóricometodológicas sobre histórias de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285> Acesso em: 15 fev. 2024.

SOUZA, Elizeu. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antonio

Dias; HETKOWSKI, Tania Maria. (Org.). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2016.

WALSH, Catherine. Introducion - (Re) pensamiento crítico y (de) colonialidad. In: WALSH, Catherine. Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. **Reflexiones latinoamericanas**. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005. p. 13-35.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 1.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2014, p. 32-35.

Recebido em: 30/03/2024

Revisado em: 25/11/2024

Aprovado em: 29/11/2024

Publicado em: 16/12/2024

Ronaldo Pereira Porto é artista visual e graduando em Letras-Francês, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Pesquisador bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís (GEPPQ). *E-mail*: portoronaldo20@gmail.com

Fabíola Silva de Oliveira Vilas Boas é Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunto do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Multiletramentos, Educação e Tecnologias (GEPLET). *E-mail*: fsovboas@uefs.br